ANO XV — SABADO, 12 DE FEVEREIRO DE 1916 — NUMERO 285

A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Braz)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencionados

Director: EDEGAR LEUENROTE
Endereço: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
Ano, para todo o Brasil. 10$000 | Semestre, idem . . . . . 6$000
Para o estrangeiro, ano . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

A tosquia estatal

Ainda dura e parece tomar maior vulto a agitação provocada pelo novo imposto que vem de ser votado com o fim de salvar o tesouro da quebradeira a que ficou reduzido em consequencia das ladroeiras e esbanjamentos dos quadrilheiros acoitados no poder.

Para nós — partidarios de uma nova ordem social que não comporta os impostos, por ser baseada na igualdade de condições e na livre organização dos produtores e dos consumidores — todas as tributações são iniquas, pois que se destinam a manter a burocracia tiranica do Estado. Entretanto, achamos bastante util a agitação, porque, alvejando uma exigencia do governo mais evidentemente aladroada, põe em fóco toda a sua função parasitaria e opressora.

O hediondo cancro social aí está, agora, bem exposto á luz viva da critica.

Essa ilustre canalha que p'r'ai vive agarrada á governança, em todos os seus departamentos, roubou á vontade, esbanjou á larga, enriquecendo afilhados e os plumitivos prostituidos seus defensores — e agora, como o dinheiro começou a escassear e a sua ganancia continúa insaciada, resolveu apertar o torniquete da tributação.

Forjaram a coisa em tres tempos e de fórma a não atingir os graúdos do alto comercio, entre os quais tambem está gente sua. Os pequenos negociantes e fabricantes são os prejudicados — e, por isso, protestam, já tendo realizado uma reunião geral e muitas outras parciais pelas cidades do interior.

Entretanto, se quizerem vencer não poderão andar com meias medidas: neguem-se perentoriamente a pagar o imposto.

Se derem ouvidos a secretarios, aos graúdos e aos apelos para que ajam dentro da legalidade — terão de aceitar essa tributação e tantas outras quantas a corja governante precisar para as suas orgias.

Mas o povo tambem é interessado nesta campanha, porque será sobre, ele, a eterna besta de carga, que, emderradeira hipotese, recairá todo o peso da nova exigencia estatal.

Não lhe bastava a desocupação e a carestia da vida — vem ainda mais essa tributação á sua miseria.

Ainda havia um restinho de pele a arrancar — e os tosquiadores aí veem, de garras armadas, para a operação.

Sujeitar-se-á pacientemente o povo? Não, não póde ser, não é possivel que tal suceda.

Basta! — chegou o momento de dizer. Aproveite-se do momento propicio e corra-se de uma vez para sempre com esses ladrões que agem ao abrigo da legalidade.

COISAS SANTAS

DEFLORAMENTO NO INTERIOR DO TEMPLO DE S. DOMINGOS, EM UBERABA

O FREI AZULOU, DEPOIS, DEIXANDO A SUA VITIMA NO ABANDONO.

Denuncia a carta abaixo mais um desses crimes de que está cheia a vida clerical.

Et pour causa. E como não ser assim se os miseraveis vivem na vagabundagem viciosa, infrigindo todas as leis naturais?

Mas vamos ao caso, que é o seguinte:

«Existe nesta cidade um convento de frades dominicanos francezes; entre estes salientava-se um religioso espanhol, de nome frei Egidio. Este individuo, de um dia para outro, desapareceu de Uberaba; agora sabe-se que ele deshonrou, forçando-a, dentro da torre da igreja, a filha da lavadeira do convento, Francelina de Jesus, já falecida.

A vitima vive nesta cidade e deu á luz ocultamente, morrendo o filho.

Os frades dominicanos, com a sua influencia, tudo abafaram e o crime ficou impune. A cidade inteira conhece o facto. Fala-se que, pelo mesmo crime, saiu desta cidade, ha anos, frei Leão, da mesma ordem.»

Soma e segue...

—Então eu hei-de casar com essa protestante plebeia, milionaria embora, eu que sou de familia principesca e catolica?

— Meu filho: agora que estamos arruinados, já não podemos ter esses escrupulos religiosos...

O SORTEIO MILITAR

Ha dias, noticiaram os jornais ter o ministro da guerra declarado a um jornalista que, dentro em breve, a lei do sorteio militar obrigatorio entrará em vigor.

E aí temos, evidenciado de maneira chocante, o objectivo da aparatosa cruzada militarista em que, por entre o enbasbacamento imbecil de uns e as louvaminhas interessadas ou inconscientes de outros, andou empenhado o poeta cuja dedicação patriotica era, até então, conhecida apenas pela sua habilidade em fazer falar as estrelas na sonoridade dos seus versos bem burilados ou em gastar nas luxuosas capitais europeias os proventos da sinecura ultra-parasitaria com que foi presenteado ha anos.

Temos, portanto, novamente pendendo, qual espada de Damocles, sobre a mocidade brazileira a lei supremamente odiosa, que, ha quasi uma decada, sacudiu o povo desta terra, arrastando-o para um dos mais belos movimentos de opinião que nos tem sido dado apreciar.

E qual será o procedimento, nesta emergencia, desse mesmo povo que soube fazer recuar os profissionais da farda na ocasião do seu primeiro arremesso contra a estabilida de da familia brazileira e do socego geral dos habitantes desta parte da America?

Esta, esclusivamente esta póde ser a resposta: de resistencia intransigente, de luta franca e decidida contra a lei maldita que, se a chegassem a executar, poderia ser a mortalha desta nação.

Não se póde considerar senão como uma loucura, pretender-se arrastar para o parasititismo corruptor da caserna um paiz que precisa de se entregar inteiramente ao trabalho produtivo, preparando-se assim para novos estadios de civilização — e isso justamente quando a historia está registrando o maior dos crimes praticados pelo militalismo.



A trindade que sustentará o dominio do serafico queixo

O problema religioso

Se, no estado fetechista o homem se edifica com fabulas, no culto será outra a edificação.

As classes cultas já se afastaram do estendal das mentiras e fabulas piedosas que só vigoram enquanto o nivel moral e intelectual as tolera, ou inconscientemente admite. O atrativo da imaginação, a poesia e o sentimento religioso que Chateaubriand tão atraentemente exarára no *O Genio do Cristianismo* desapareceu do seio do catolicismo.

Os seus pretensos apostolos abandonaram impudicamente o decoro sacerdotal convertendo-se abertamente em traficantes sagrados.

A religião é o sentimento e o desinteresse, o inicio da sabedoria para os que, em sua nitidez sacerdotal, a veneram e compreendem.

Aqueles que impudicamente a desvirtuam e desprestigiam não são, portanto, religiosos, mas despudorados industriosos tonsurados.

Em qualquer das hipoteses antipositivas ha infinitas, varias complicações opondo-se umas as outras, sem chegarem a um acordo, sem definitivamente se firmarem em bases demonstraveis.

O catolicismo e o protestantismo navegam ambos num mar de hipoteses extravagantes, de conjeturas irrisorias, de hesitações a incertesas, nascendo semelhante *barafunda* da absoluta escassez de bases inatacaveis que vantajosamente os abonasse.

O cristianismo, como busca mante-lo o protestantismo, este mesmo estacionou, é incoerente, não acompanhou a evolução religiosa.

Aferrou-se, como uma mumia inanimada, aos tres primeiros seculos cristãos, inspirado *unicamente* nas escrituras, num emaranhado dédalo de ficções, na rêde de inverosimeis fabulas lendarias, que, no lucido dizer de T. Braga, já era tempo de substituir por claras e positivas noções scientificas.

Assim, em todas as religiões pretensamente divinas ou *reveladas*, ocupa lugar proeminente o sonho.

— O sonho, diz Afonso Celso, *é nau de prata em mares de rubins.*

Em todas, sem excepção, referve o germen do mito, da ficção insustentavel, da esperança numa melhor vida, após o aniquilamento do corpo!

Não ha maior absurdo!

O homem procurou no céu o que não achou na terra, a felicidade sem nuvens.

Não se nega, apezar disso, ou *talvez por isso*, algo de consolador a essas ficções, mas, infelizmente, não passam de hipoteses absurdas, sem criterio scientifico nenhum.

Assim, não será *ipso facto* nas escrituras baseadas no sonho, nos misticos extasis, nos arroubos da imaginação, que resolveremos satisfatoriamente o problema religioso.

O homem fraquejou ao enfrentar a solução das primeiras e finais causas do seu destino na terra, sendo evidentemente por erros acumulados, arrastado aos delirios, aos sonhos irrealizaveis, mesmo com o admiravel talento de Luiz Figuier, na sua engenhosa obra — *Depois da morte*. A morte é o espantalho medonho, pavoroso, ante o qual se confrangem os animos mais afoutos.

— Pois morrerei? pergunta cada qual a si mesmo.

Na luta porfiada do homem para a conquista do planeta, a humanidade culta vive indefinitamente; mas, nenhuma sciencia até agora *experimentalmente* provou a existencia da alma desprendida da materia, *senão por abstração.*

A fé que demove e estimula o religioso, tem sem duvida, uma força magnetica incomparavel, porque é a fé sincera, a crença firme, arraigada, que anima e compele o homem aos altos cometimentos, ás acções meritorias, uteis, nobilitantes, que produzem os herois e os martires.

Tudo se afundaria irremissivelmente no insondavel pégo, ou nesse apetecido *dolce far niente* que equivale ao repouso absoluto, á imobilidade paradisiaca, o que seria o mais insuportavel dos purgatorios.

A vida é o movimento e não o repouso absoluto ou a quietude beatifica.

O que estimula o homem ao aperfeiçoamento indefinito é o atrativo *imaterial*, a pesquiza indefinita pelo prazer de pesquizar, de saber, de criar, de progredir material, moral e psicologicamente.

A religião filosoficamente é isso e mais nada.

Tudo mais que a orna e a enfeita *exteriormente* é transmudavel, efemero, eventual. Assim, toda a religião que, como a catolica, se baseia no mito, nas ficções inaceitaveis, transformar-se-á inevitavelmente. «Os teologos inverteram os dados da historia, diz T. Braga, mas a realidade que se impõe ao *culto, á veneração e á idealização artistica*, é que a humanidade se fez Deus.»

O cristianismo, como ha uns tres lustros o mostrei na *A Herança* (Ensaio historico) não é mais do que a *revivescencia* politica ou pagã.

«Em todo o trabalho da imaginação, diz o autor citado, em que se fundem elementos tradicionais e se adaptam a novas situações, ha sempre um motivo que estimula essa *revivescencia* e sincretismo.»

O protestantismo, por seu turno, encerrado no que outra-ora foi uma luz, uma salutar consolação, mantem-se no mito, nas lendas critiãs, como está exuberantemente provado por autores de inconteste reputação, como o precitado e E. Renan, em todos os seus livros.

O homem do passado não é o de hoje, nem o que flutúa no ambiente social se presta mais ao predominio da imaginação, a fabulas que já não fertilizam as inteligencias nem harmonizam os sentimentos.

Cada fase da humanidade tem a religião que lhe assenta e a que, sem abandonar completamente o passado, estrictamente se ajusta.

«Quando uma religião chega ao ponto de nada mais inspirar de grande e elevado, diz Tobias Barreto, quer no dominio ético, quer no dominio estético, é contundente que a historia vai dispensar os seus serviços, arrojando-a sem piedade para o remanso das aguas.»

Ensinar, incutir noções carinhosas ou benevolas, com contos de fadas ou de princezas encantadas, não atrai mais corações, nem arrasta proselitos convictos, entusiastas, como outrora.

— Se, no estado fetichista o homem se edifica com fabulas, no culto será outra a edificação.

Rio de Janeiro, 1915.

M. Guimarães.

Aos assinantes

Na Mogiana

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha continúa a percorrer todas as localidades servidas pela linha Mogiana.

Estamos certos que este aviso bastará para conseguir dos nossos amigos e assinantes dessa zona o apoio de que carecemos afim de sustentar a nossa obra.

Na Paulista

Começará, por estes dias, a percorrer a linha Paulista, visitando todas as suas localidades, o nosso companheiro Vicente Amodio.

Visitará em primeiro lugar as seguintes localidades: Jundiaí, Campinas, Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Pirassununga, Palmeiras, Descalvado e S. Rita do Passa Quatro.

Repetimos aqui o mesmo apelo acima feito, certos de sermos atendidos, mormente tratando-se de um companheiro que pela primeira vez vai viajar.

Para a boa vontade de todos fazemos um caloroso apelo.

O livro maldito!...

Oscar Cavalcante, que acaba de publicar o livro mais anti-religioso e mais revolucionario que eu conheço, — panflecto vermelho, denominado — *Livro Maldito* — foi, como eu e alguns outros espiritos livres, formados na escola do materialismo, — na sua infancia — uma vitima da sanha clerical dos padres salesianos, num dos seus asilos no bairro triste da Madalena, do Recife... Nós fomos sempre ante toda aquela pragmatica de escrupulos — alma das religiões — os dois grandes revoltados. Ora, avaliem os senhores — que a resaria era a preocupação de todas as almas, uma nova função organica, o unico meio de carinhos e de delicias para consolar, na sua monotonia de idiotas — os santos todos, os anjos dispepticos, o Padre Eterno — evanescente espirito de imbecil. Por qualquer acção, era um hino em louvor a uma santa historica, figura ridicula de alguma velha carola, morta, podre de rica — entre padres e frades que lhes santificaram a vida, mediante os legados completos do ultimo testamento... Todas as semamas, a confissão, era uma regra infalivel, uma especie de tonico espiritual, a eucarestia diaria, antes do café — semilava-se-me uma dessas drogas vulgares que se ingere em jejum para bem se regulamentar as funções digestivas...

E os padres, de estamenhas doiradas — nos excitavam a curiosidade de crianças, fracas de espiritos, envenenavam-nos o raciocinio, com esses dogmas infaliveis, com esses preconceitos religiosos e imbecis. E na maioria daquelas centenas de espiritos — essas más sementes brotavam, refloriam em tacanhezas de ideais, em pobrezas de sentimentalidades...

Ou fosse o estudo das matematicas, o compulso das sciencias fisio-quimicas — o certo foi que criei aversão a todas aquelas infamias, revoltei-me contra todas as mentiras. E aos poucos, desapareciam, de mim, as crenças da santidade humana. Os santos, e eu que bem lhes conhecia a vida e os costumes — não passavam de velhos idiotas, de tarados ancestrais, corpos imundos que nunca se lavavam, famintos, lorpas...

Os anjos, eram mentiras consoladoras; consoladoras porque se apregoavam a toda a caterva de devotos que na volupia do Paraiso — eles seriam, os seus domesticos eternos, uns criados obedientes a todas as suas vontades de monomaniacos. E a noção de Deus apagou-se-me da memoria, como um desenho mal traçado numa folha de papel branco. E eu andava livre de todas aquelas asneiras, de todos os carolismos exagerados.

Era obrigado a ali ficar como um escravo. De nada me valeram as fugas repetidas: saíam os criados em minha perseguição, movimentava-se a policia toda; e lá voltava outra vez, descoberto no meu esconderijo, morto de fome, doente de medo — para o meu carcere tristonho, para a hipocrisia da religião catolica.

E os restantes tres anos que ali passei — fui um perpetuo revoltado: nunca mais os meus labios murmuraram uma prece, a minha boca de maldizente tragou a eucarestia de uma hostia...

Então, a companhia de Oscar Cavalcante foi um consolo; fazia coro com as minhas preleções, apoiava as minhas revoltas de voltaireano, sofria comigo das privações dos castigos brutos...

Chegamos até a publicar em manuscrito um jornaleco de propaganda — *O Padréca* — grito escuso

das nossas consciencias oprimidas, brado heroico dos nossos corações revoltados.

E esta publicidade, duma feita, caiu nas mãos do inquisidor colegial; e, como resultado, se me não engano — Oscar foi expulso e eu barbaramente castigado.

Aí está em que deram as rezas infindaveis, o cunho ferrenho da educação religiosa: em tornar revolucionarios dois espiritos, em pertubar a paz espiritual da nossa evolução psiquica...

Oscar Cavalcante já deu a publico o fruto da sua alma. O *Livro Maldito* tem, seguramente, imensos defeitos: de fórma, porque o estilo tropeça, ás vezes, em muitas banalidades, cai em obscenidades revoltantes — coisas de que bem se devem livrar os literatos modernos; falta-lhe uma melhor educação literaria. Mas, quanto á teoria, que é uma dura verdade — o livro foi uma amostra publica da sociedade humana — corpo ulcerado pela escrofula, corroido pela sifilis, mas que o nosso pudor de burgueses pacatos lhe dá uma aparencia sadia de carne moça, palpitosa de desejos... E Oscar, disse-o, com um despudor de prostituta. Foi forte demais, na sua predica, um tanto imoral, mas imensamente sincero e verdadeiro.

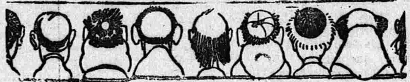
Já viram, pois, que, recordando as nossas tragedias de crianças, eu fiz uma apreciação do novo livro de Oscar Cavalcante. Quero com tudo isto, apenas, demonstrar o reverso da educação catolica: a reacção dos espiritos livres contra os seus dogmas impossiveis, contra os seus ritos de feitiçarias antigas...

Um dia aí qualquer, hei de tambem publicar o meu livro, que já está pronto — *Dentro da sombra*.

Mas, não pensem ser ele um livro imoral: é, antes que tudo, um livro de revolucionario, uns queixumes de trabalhadores rurais, roidos pela fome triunfadora, um incentivo á revolta humana contra a tirania que a esmaga. E aí está, a melhor propaganda contra o clericalismo.

Mas, Oscar Cavalcante foi um encorajado, foi um valente: o doutrinar das suas paginas é um flagelar contra os mentirosos, é um anatema contra a mentira. E por isso, os honestos *pater-familias*, a burguesia hipocrita, os mastins religiosos, sonham para ele com a inquisição dos tempos medievos...

Mario Wanderley.



DO ESTADO DAS ALTEROSAS

Uma conflagracão entre freiras e galinhas

DESRESPEITO AOS MANDAMENTOS DA LEI SAGRADA — O SUPLICIO DA PANELA — ATENTANDO CONTRA AS LEIS SACRAS.

Que o estado das alterosas continúa a ser a presa apetecida e indefesa do clericalismo — é ainda, e, agora, com mais solidas bases, o que se póde escrever daqui para *A Lanterna*.

Os frades e freiras existem por estas bandas como galinhas em sitio de criação.

E já que falo nas apreciadas bipedes, vem ao caso registrar nestas notas, para edificação dos posteros, o sacrificio das mesmas praticado pelas santissimas freiras do Colegio de Santa Maria, de propriedade dos frades domenicanos, igualmente santos no superlativo.

Está ele situado na rua Pouso Alegre, esquina da rua Jaci, tendo nos fundos um grande terreno coberto de mato cerrado e cercado por arame farpado.

Nas vizinhanças existem alguns moradores com as suas respectivas criações.

Até aqui, como vêm, nada ha que possa fazer um mortal cair nas graças do Tinhoso. E' que tomando por assunto as galinhas vizinhas das freiras, precisamos ater-nos a ele para não tropeçarmos em algum facto escabroso dos muitos que ilustram a serafica vida clerical desta cidade de horizontes belos.

As domesticas aves que ocupam a nossa atenção irreverente, sabendo, talvez, pela inspiração divina, serem as vizinhas propugnadoras dos mandamentos cristãos, não conhecendo fronteiras nem divisões, lá se internavam pelo matagal das freiras, afim de dar caça aos gafanhotos.

E assim é que, precedidas de um garboso «chantecler», lá iam elas, esquecidas da guerra e da crise, pelo terreno do colegio clerical a dentro.

Tragica surpresa as esperava, porêm. Confiantes nos principios de amor ao proximo esposados pelas freiras, jamais lhes passára pela galinacea mente que poderiam ser atacadas.

Essa era, no entanto, a dura realidade, pois, mal penetravam nos freirescos dominios, se viam cercadas por um bando de freiras e dos seus filhotes, isto é, dos seus alunos, que as tornavam prisioneiras de guerra.

Pobres vitimas, triste sorte lhes estava destinada!

As seraficas criaturas, infrigiam todas as leis que regulamentam os direitos das gentes, fazendo-as passar pelas armas e entregando, depois, os seus corpos ao suplicio da panela.

Praticaram, dessa fórma, as virginais criaturas, um atentado aos setimo e nono mandamentos da lei das leis.

Provocou isso a ruptura de relações, mandando os vizinhos lesados um ultimatum ás caras metades do Padre Eterno, protestando contra o massacre das filhas das suas terras. Teme-se o inicio da conflagração. Aguardemos os acontecimentos.

E está aí como pude, nesta correspondencia escrita a *la diable*, colocar, de cambulhada, diante dos leitores da folha heretica, as freiras e as galinhas da capital do Estado que tem a honra inigualavel de ser a terra do actual habitante do Catete e senhor supremo destes Brasis.

Belo Horizonte, 1—2—916.

— A. C.



«A LANTERNA» EM ITAQUAQUECETUBA

FOI-SE O PADRE CANOVA

Bebedeiras — Mulheres — Troças — Pedinchamentos — Que maus ventos o tenham levado!

Foi com uma sensação de grande alivio que a população desta localidade viu partir para Portugal, de onde fôra expulso, o desbragado padre Antero Vicente Canova.

Esse caixeiro-viajante do Vaticano arrastou aqui, durante longo tempo, uma vida dissoluta, aturdido pelas bebedeiras constantes.

A gente da roça era a sua vitima predileta. Tratava com os caboclos o preço de 20$ pelo casamento, e, depois de realizada a farsa, exigia 30$, que eles deviam pagar para se livrarem das ameaças de excomunhão.

Como fiel cumpridor da abstinencia sacerdotal, gostava do sexo oposto ao seu como ninguem. Andava sempre em conquistas de pecadoras...

Não se conheceu aqui mendigo mais «aguia». Em toda a parte era o mercador do templo encontrado a pedinchar: «Uma esmola para fazer uma festa na cidade de S. Paulo".

E foi assim que ele conseguiu juntar muito dinheiro, sem nunca, porêm, ter auxiliado quem quer que seja.

As noites destinava-as o bom servidor da Igreja para as suas "serestas", regadas fartamente por aquele liquido que passarinho não bebe...

Como se vê, o pobre Canova era um digno servidor do papa.

A sua partida causou satisfação geral, havendo armazens que embandeiraram as suas portas.

Que maus tenham sido os ventos que o levaram, fazendo-o servir de pasto sagrado a algum tubarão — são os nossos votos sinceros.

Uran.

DE PARIS

Opinião optimista

O sentimento religioso desde a guerra

E' bastante dificil avaliar, medir a profundidade verdadeira do sentimento religioso num paiz. Para dele ter uma ideia exacta, seria preciso conversar longamente com um grandissimo numero de inviduos e ser ao mesmo tempo testemunha auditiva em muitas confissões auriculares catolicas. Contudo, o comportamento dos homens em certos momentos da existencia póde levar a uma avaliação aproximada desse sentimento.

O numero dos baptismos, comunhões, casamentos, religiosos, enterros pela igreja indica com bastantes probalidades o valor do sentimento religioso.

Ora, ha cada vez mais crianças por baptizar, crianças que não se acercam de sacramento religioso algum e cada vez mais casamentos e enterros civis.

Indício mas rigoroso ainda é o numero dos nascimentos; nisso, não prevalece a forma sobre o fundo. A natalidade francesa — coisa certissima diminui de dia para dia. Ora, todo aquele que pratica de qualquer modo o maltusianismo, restringindo ou evitando completamente a procriação, não póde ser considerado como dotado de verdadeiros sentimentos religiosos.

Uma cerimonia que presenciei, alguns mezes antes da guerra, mostrou-me assaz claramente o caracter superficial da religiosidade francesa.

Por volta do meio dia, eu e alguns amigos, de visita a uma cidade do centro, entrámos numa basilica na ocasião da missa dos soldados. Estavam ali reunidos sessenta bretões fardados (a guarnição compõe-se de quatro regimentos e de todos os serviços duma séde de corpo de exercito); mas o numero não faz ao caso. Militares e paisanos entoavam um cantico, cujo estribilho era:

Gloria a Jesus!
Gloria a meu Deus!

Pois a voz dos cantadores era tão desfalecida, o tom tão apagado, tão arrastado, tão sonolento, que ninguem diria que eram cristãos lançando aos céus um hino em honra do seu deus. Pareciam salmodiar uma banal e chocha lamuria. E' com outro vigor que as Juventudes Sindicalistas clamam a *Internacional*. Não se sentia ali fervor algum, nenhum grito do coração. Soldados e paisanos pareciam assistir á missa por habito secular ou por ordem.

A lei de separação da Igreja do Estado permitiu ao clero catolico operar com mais liberdade, gritando embora que o perseguiam, segundo o seu costume. Multiplicou as «obras», os patronatos, as conferencias e, graças aos subsidios passados do bolso dos grandes comerciantes e industriais para o dele e deste para o de certos operarios, aumentou a clientela. A clientela interessada é efemera. Contudo, precisava-se o perigo — não o perigo dum renascimento religioso que pudesse reproduzir as guerras medievais — mas o temor de ver formarem-se agrupamentos populares a soldo do capitalismo que, pela voz dos padres, os ensina e engana, fazendo deles adversarios dos seus companheiros de oficina e de miseria. Tinha a luta começado, quando estalou a guerra.

Veio logo o estado de sitio. A coberto deste, ganhou animo a insolencia clerical. Contando com o apoio de certos chefes militares, os padres prodigalizaram os seus padrenossos e a sua literatura, prodigiosamente ajudados pelas damas da Cruz Vermelha, recrutadas em tempo de paz entre a nobreza e a burguesia endinheirada e reaccionaria. Os hospitais tornaram-se os seus campos de manobras. Desde principio, a maior parte dos medicos isentaram os eclesiasticos-enfermeiros de todas as fainas; em muitos hospitais puderam continuar com a batina. O numero deles nos serviços de saude não está certamente em relação com o seu numero no paiz: indica-o, indicando outras coisas, a estatistica seguinte. No hospital temporario N... ha um eclesiastico em cada dez enfermeiros e entre os 800 feridos ali tratados até á data (fins de janeiro) apenas entrou um padre, por causa duma... apendicite repetida. Numerosos hospitais dariam as mesmas porcentagens, que se completam e explicam um á outra.

Explicam tambem o numero bastante consideravel dos feridos que assistem á missa dominical — menos todavia do que o charuto ou chocolate por eles recebido á saida. Com efeito, nos hospitais militares e nos hospicios mixtos que conservaram a sua organização anterior á guerra e onde não penetraram damas da C. V. nem eclesiasticos-enfermeiros, a missa não tem grande frequencia. Entregue á sua propria inspiração, o soldado permanece o dissidente que era antes da guerra. Excitado por mulheres, cheio de enfado, farto de doenças e fadigas, atraido pelo engodo do que lhe falta, dá-se ás *praticas exteriores*, de que zomba logo depois.

Não quer isto dizer que não venha a ter repercussão alguma a propaganda clerical nos hospitais. Devemos contar com a falta de espirito critico, com os simples, os ignorantes, os inteligentes. Mediores recrutas, salvo para o céu, onde, como é sabido, são reis os pobres de espirito.

A acção do clero redobrou igualmente para com a população civil, cercada e atacada com boletins, cadeias de orações, jornais, etc. Que resultará dai? Póde responder-nos o desgraçado periodo de 1870—1871 (a gente de igreja trabalha sobretudo nesses trister momentos). A pressão clerical foi então bem mais forte do que hoje: havia preces publicas e procissões na rua; as igrejas eram pequenas demais para conter a multidão. Após a a guerra, extinguiu-se a labareda de per si. O operario conheceu o seu verdadeiro amigo. Os padres voltaran-se para a juventude.

E neste ponto está tambem o perigo hoje. Está nas fileiras uma parte consideravel do professorado primario oficial. Morreram já muitos mestre e ficaram feridos ainda maior numero deles. *L'E'cole*, a antiga *E'cole E'mancipèe*, dá semanalmente a lista dessas baixas. As aulas estão abarrotadas, achando-se algumas escolas transformadas em ambulancias e fechadas ao estudo. Certas municipalidades reduziram os dias de aulas a tres. O Estado parece desinteressar-se do ensino primario. E o clero está alerta: alugou salas, casas, e tira da rua as crianças. Escolas maternais ha que não tornaram a abrir-se. Ninguem sabe porque. As mulheres não foram para a guerra e bastam para essas escolas. O clero tomou conta dos bebés, e é sabido o que deles procurará fazer.

Ha, pois, para o futuro razões de temor; mas o presente parece-me ser, no fundo, o mesmo que era hontem. Quando o clero já não dispuser dos capitais das classes prossuidoras, baixará oitenta por cento a clientela das igrejas. A meu ver, as manifestações religiosas a que assistimos são eminentemente superficiais (a maior parte da gente é impelida a isso pelo interesse) e a influencia do clero é mais formal do que real. Não adormeçamos, porêm.

A. Mignon.



BANDITISMO LEGAL

Infame perseguição aos trabalhadores de Ribeirão Pires

Sociedade operaria assaltada — Domicilios invadidos — Mulheres e crianças maltratadas — Prisões sem conta — Restaura-se a inquisição.

A policia de S. Paulo registrou na sua historia mais um crime infame contra a classe operaria — a sua vitima predileta.

Referimo-nos ao caso de Ribeirão Pires, do qual os jornais trataram, com excepções rarissimas, da maneira miseravel que lhe é habitual quando se ocupa da questão obreira.

Os leitores calcularão desde logo o que se passou: as autoridades alianda-se aos patrões para submeterem os trabalhadores.

Foi justamente isso. Os operarios da pedreira de um famigerado Victorino Dell'Antonia, não podendo suportar por mais tempo o regimen de extorção desse vampiro, abandonaram o trabalho por se ter ele negado a pagar 90$000 pelo milheiro de paralelepipedes. Além de ganharem um salario misero, os pagamentos não estavam em dia.

Nesse seu justissimo movimento, teve a corporação citada o decidido apoio do sindicato da sua classe daquela localidade, que declarou a boicotagem da referida pedreira, desde então paralizada, por ser completa a solidariedade entre os canteiros.

Daí a furia do tal explorador do trabalho alheio que, contando com a proteção de certa canalha graúda, fez com que começassem a perseguir os dedicados homens do trabalho, e, sobretudo, contra os que se dedicam á obra de prapaganda para conseguir a transformção social.

Não ha palavras com que se possa descrever devidamente o banditismo praticado em Ribeirão Pires.

Como se se tratasse de dar caça a fascinoras da peor especie, mandaram ir numerosas forças daqui, que começaram logo a desenvolver a sua acção de salteadores legalizados.

A séde da sociedade dos canteiros foi assaltada e devassada, levando os miseraveis tudo.

Deram depois inicio ao assalto aos domicilios dos operarios, que eram devassados infamemente, maltratando os criminosos pagos pelo Estado as mulheres e crianças.

Foram tambem dadas buscas nas pedreiras, onde prenderam, no trabalho, numerosos trabalhadores, chegando segundo parece, a cem os que cairam nas garras dos janizaaros.

Esses operarios foram transportados para S. Bernardo, a pé, acompanhando-os as suas mulheres e filhos, chorando desesperadamente.

Para S. Paulo vieram depois todos metidos entre fileiras de soldados, como se fossem criminosos, muitos sem paletó, porque haviam sido arrancados abrutamente de suas casas!

Na policia de S. Bernardo foram vitimas de inqualificaveis brutalidades, sendo obrigados a fazer as declarações que convinham ás autoridades espancados e metidos no chuveiro!

Toda essa série de grandes infamias é coroada com a ameaça de processo contra varios dos operarios de Ribeirão Pires e outros daqui, acusados de fazerem propaganda anarquista!

Que sucia de miseraveis bandidos!

Sonho funesto...

Aleixo era um burguez de mediana instrução, mas teimoso, tão teimoso como refinadamente tratante, cuja fama se tornára conhecida de todos.

Além disso, a sua caturrice não tinha limites. Era exquisito, excentrico, irascivel. Quando dizia uma coisa, ainda que sem fundamento, ninguem o contrariasse... Para estrilar pouco bastava.

Demais, não havia questão que ele não abordasse sem assumir a atitude de *magister* e dar por paus e por pedras.

Tal era, por exemplo, a questão social. Então, para justificar as desigualdades sociaes e as proprias patifarias, que eram muitas, recorria sempre, invariavelmente, a velhas e batidas chapas tão em voga entre os conservadores, sem todavia se esquecer de corroborar seus talhos argumentos com alusões a certos animais cuja organização social lhe parecia admiravel modelo para a humanidade deste seculo.

E assim, se lhe tocavam em tal assunto, vinha logo ele com as tiradas do estilo:

— Ora! isso é uma utopia. O rico existiu e existirá sempre, bem como o pobre, porque ambos são elementos necessarios, indispensaveis para o pogresso humano. Um é o complemento de outro. O rico não póde viver sem o pobre nem o pobre sem o rico. E desta sorte, um é imperador, é papa, é rei, é principe, é presidente, é ministro, é juiz, é proprietario, patrão, senhor das fabricas, das oficinas, dos campos agricolas, das jazidas de minerio, dos instrumentos de trabalho e de tudo que se póde comprar ou vender a troco de ouro, enquanto que outro é soldado, é marinheiro, é funcionario publico, é trabalhador do campo, da oficina e da fabrica, é porteiro do palacio ou tirador de lixo das ruas."

E a cada sentença, ajuntava o seguinte:

— "E é isto tão justo, que não póde sofrer contestação."

E se alguem lhe falava no direito dos operarios na luta contra o capital ou de uma greve qualquer, já ele mudava de côr, sentia-se irritado, nervoso: e as suas fazendas, a sua fabrica, as suas casas de aluguel, tudo já lhe parecia ir pela agua abaixo!

Apezar de ter imenso horror por esse assunto, porêm, eis que lhe surge pela frente, um belo dia, um anarquista entusiasta e ardoroso propagandista que com ele trava uma fortissima discussão sobre o direito de propriedade. Mas, como lhe não ocorressem argumentos suficientes para suplantar seu adversario, o pobre homem terminou enfiando a viola no saco.

Calou-se e ficou amuado.

O choque das ideias fe-lo triste, pensativo, macambusio e irritado. Durante o dia passou mal e á noite não pôde conciliar o sono senão a muito custo.

As palavas do anarquista lhe ficaram no espirito, perturbando-o, causando-lhe torturas e pesadelos.

Assim, nesse estado, em vez de dormir, sonhára ter aprendido a linguagem dos animais, lembrando-se imediatamente de interroga-los com relação aos seus singulares sistemas de organização social.

E, como em sonho tudo é possivel, facil lhe foi entende-los e ser por eles entendidos, como se todos estivessem no mesmo grau da escala zoologica: abelhas, formigas, castores, joãos-de-barro, todos entretiveram com ele palestra animada, discutindo os arduos poblemas sociologicos.

E que sonho foi o seu!

Ele, que antes pensava haver enorme distancia separando o homem civilizado dos animais inferiores, viu-se logo confundido, perplexo, ao dirigir a palavra a uma fulva, doirada e elegante abelha que se destacava do pólem amarelento de uma flor pendida de uma arvore á beira de uma alvinitente estrada por onde passava em sonho.

— Que fazes tu, mimosa abelha?
— Trabalho.
— Desde quando?
— Desde o romper do dia.
— E para que?
— Para ter direito á vida.
— E que lei a isso te obriga?
— A da Natureza.
— E como a conheces?
— Quer sabe-lo, homem?
— Sim, fala.
— Então, escute lá. Como o bom filho entende a mãi, assim, tambem nós, as abelhas, que vivemos em paz nas nossas colmeias, entendemos e respeitamos a lei da Natureza, que é a nossa lei, observando-a em seus mais insignificantes detalhes,

E a isto que lhe digo, acrescente-se mais que não temos nem precisamos de tribunais, nem de juristas, nem de soldados, como os homens, que, fugindo á da Naturoza, que a todos dá a vida, ditam leis perversas, detestaveis, vergonhosas, com que oprimem seus semelhantes dividindo-os em duas classes — uma, a dos privilegiados, dos felizes, dos exploradores, dos parasitas, e outra, a dos miseraveis, dos explorados, dos escravos, que, produzindo tudo, vivem, no entanto, na miseria, sem direitos nem garantias de vida...

O sonho, então, se tornára grave, degenerando-se num pesadelo que se prolongou até o amanhecer.

***

E Aleixo, farto de ouvir condenações, queria escapar ás invectivas de seus interlocutores, que o chamavam de parasita, miseravel, ladrão...

— Que faz entre nós, dizem-lhe, em côro os animais? Volte para a sua cidade, vá explorar os seus semelhantes com as suas casas de aluguel, com a sua fabrica, com a sua fazenda, com o seu dinheiro a juros fabulosos! Vá para lá e logo! Nós não o queremos em nosso meio. A sua convivencia póde corromper-nos!

E Aleixo, então, mesmo em sonho, murmurou:—Eles teem razão!... Os castores, as abelhas, as aranhas, os joãos-de-barro... as suas casas, o seu mel, as suas teias, tudo o que eles produzem serve a todos eles e entre eles não ha nem mendigos nem exploradores.

***

Nisto, porêm, o seu aposento se transforma em scenario de um acontecimento provocador de gargalhadas pela estupidez do sua origem.

E a mulher, que nada sabia do caso, acorda com o rebuliço do homem no leito que todo se estremecia com a agitação produzida pelos seus desordenados empurrões.

Aleixo estrebuxava, dava coices e murros a torto e a direito, a ponto de atirar com a sua carametade ao chão, fazendo grande estardalhaço.

— Acudam, acudam! — gritava ela como louca.

E lá vem o pessoal da casa em alvoroço acudindo ao chamado.

Entram no quarto os filhos, os criados do Aleixo, que ainda se estorce, esbraveja.

— Que será! — gritam espantados.

— Nada, nada, — murmurou, abrindo os olhos: foi um sonho funesto, nada mais.

Pettinato.

EM UBERABA

UM FAÇANHUDO ESCULAPIO LAMBE GALHETAS

Pessimo individuo e otimo capacho dos padres

Com a carta abaixo, consagramos nestas colunas um dos mais perfeitos jesuitas de casaca que infelicitam o interior.

Senão vejamos este pano de amostra:

«Já que os dirigentes não protestam contra o mal que nos acabrunha dia a dia — o clericalismo, vimos valer de vossas colunas para tal.

Infelizmente, reside por estas bandas um medico que vive a bajular bispos, padres, freiras e tudo mais, que cheira a jesuitismo, insultando a todos que não resam pela sua cartilha. Ultimamente, valendo-se do titulo de presidente duma serafica agremiação, andou pelas colunas dum jornal a insultar a França, pelo facto desta ter banido o clericalismo e o jesuitismo.

Tal medico, que tem um passado negro, desde a sua terra natal, aqui é acusado de factos imorais e indignos.

Apesar disso vive, em concubinato moral e intelectual com um graúdo da Igreja e, é seu porta voz!

O tal medico sustentou tal campanha com o fito de ser agraciado pelo Santa Sé com o titulo de conde, á moda Laet e Afonso Celso!

O nosso povo, se tivesse energia, já devia ter repelido de seu seio tal individuo, que só se recomenda pela brutalidade, pelo egoismo e pela bajulação ao clericalismo.»

AS MISERIAS DESTA SOCIEDADE

Em uma destas noites, após a leitura dos jornais, quedei-me absorta, conjecturando sobre as miserias desta sociedade corrupta. E deduzi, com tristeza, que a civilização está muito atrazada ainda.

Motivou isso o assunto agora sempre em foco nos jornais, que narram, dando-lhes um belo colorido — as festas pró-flagelados.

Como se sabe, essas festas constantemente realizadas nesta capital, com todo o aparato carnavalesco, são festas de caridade em beneficio das vitimas da seca do norte.

E' sempre assim. A classe dos opulentos, os ladrões e opressores do povo, não sabendo como sair da monotonia da vida que a opulencia lhes cria, da ociosidade em que vegetam, vivem a arquitetar ensejos para satisfazerem seus caprichos e para se divertirem.

Assim é que quando a classe desprotegida, vitima de seus caprichos e de suas rapinagens, é atingida por uma calamidade, produto sempre desta sociedade cujos alicerces são o crime e o roubo, eles se alvoram em bemfeitores e filantropos, promovem festas carnavalescas e ridiculas, que degradam a civilização, e cujo movel está longe de ser a solidariedade, mas sim a vaidade de uns e o interesse de outros.

Vaidade, porque as damas e senhoritas que concorrem a elas o fazem para se exibirem, ostentando luxo, e para serem lisongeadas, como aquela que no Banco Italiano fez pagar cincoenta mil reis, pelos seus lindos olhos.

Interesse de outros, porque não poucos capitalistas e negociantes auferem lucros com essas festas retumbantes, cujo produto, depois de engrossar os seus capitais, é distribuido ás migalhas, não minorando de modo algum a sorte dos infelizes.

***

Parece que, por uma coincidencia tragica das coisas, em solidariedade com a corja parasitaria, toda a sorte de desventuras, desde as enfermidades até os fenomenos crueis da natureza, vêm atingir em peso a classe dos que lutam pela vida.

Os que alimentam preconceitos religiosos, que, por infelicidade, ainda não se póde banir de todos os cerebros, apesar de ser intensa a propaganda para esse fim, acreditam que tudo é obra da grande bondade e sabedoria divina, que, na sua infinita misericordia, criou o rico e o pobre, o sofrimento para este, para que aquele, com a caridade, possa obter a sua salvação.

Enquanto ao pobre, quanto maior fôr o seu sofrimento maior será o seu galardão no céu!

Oh! infelizes, quão obscura será a vossa inteligencia, que não divisais claro; de quanta manha e hipocrisia são revestidos os crapulas que vos impingem essa doutrina!

Bemaventurados os pobres de espirito... porque sem eles a religião ruiria como um edificio podre.

Crentes ingenuos, para vos emancipardes de todos os preconceitos, basta refletirdes sobre a seguinte exposição, onde fica bem patente que a existencia de Deus é uma fantasia criada para manter a sociedade da opressão e do crime.

***

Tanto os pastores catolicos como os protestantes, em suas prédicas, costumam citar, entre outras coisas boas, trechos do evangelho que eles dizem necessario praticar, para ser candidato a um logarzinho no céu...

Trechos como estes que se seguem:

Andando Jesus a prégar, aproximou-se dele um mancebo rico, que, interpelando-o sobre o que devia fazer para ser bom e alcançar a gloria eterna, ouviu de Jesus;

— «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu». E o mancebo, ouvindo estas palavras, retirou-se muito triste, porque possuia muitas propriedades, (naturalmente disse com os seus botões: "Não vou nisso"). Disse então Jesus dirigindo-se aos seus discipulos: «Em verdade vos digo que é mais facil passar um camelo pelo fundo duma agulha, que um rico entrar no reino de Deus.» — Evang. S. Mat., cap. 20, vers. 16, 21, 22 e 24.

E quando enviou os discipulos a prégar, exortou-os dizendo: — «Não ajunteis tezouros na terra, onde as traças e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntai tezouro no céu, onde a traça e a ferrugem não consomem e onde os ladrões não roubam» — S. Mat., cap. 6, vers. 19.

«Não pussuais ouro nem prata em vossos cintos. Dai de graça o que de graça recebestes.» S. Mat., cap. 10, vers. 8 e 9.

Disse ainda Jesus no sermão da montanha: — «Quando deres esmolas, dai com a mão direita de modo que a esquerda não veja, e não faças tocar trombeta diante de ti, para seres glorificado diante dos homens.» — S. Mat., cap. 6, vers. 2 e 3.

No entanto, não é bem notorio que eles não seguem nem em parte esses mandamentos? Não são eles, ao contrario, muito apegados aos tezouros e gosos terrestes, não tendo limite a sua cubiça desenfreada, sempre na ancia de mais ajuntar? Olhai o vaticano com a sua imensa riqueza!

E quando deveis receber um sacramento da igreja eles vos dão de graça? Não deveis pagar o batismo, a crisma, o casamento, etc.? E se quereis que um sacerdote vos acompanhe á ultima morada? E para resgatar uma alma do purgatorio, não é tudo a troco do vil metal?

E quando eles dão uma esmola, não é sempre ao som da trombeta?

E outras balelas e contradições que eles vos impingem, que não exponho aqui, mas que o farei em outra ocasião, que provam abertamente que Deus não existe, porque se existisse exigiria severas contas dos bandidos que infestam a terra.

***

E não é só a odiosa gente da igreja que assim procede, como toda a casta parasitaria, os usurpadores do povo, os interessados em manter a religião. Quando dão uma esmola, que já é por si bem humilhante para quem a recebe, fazem soar atroadoramente as trombetas, e depois que recebem os elogios a que fazem jús, deixam-nos no olvido, desprezando as dores alheias.

Assim é que já ninguem se lembra dos operarios sem trabalho. Acontecerá o mesmo com as vitimas da seca e ainda com as familias dos soldados que deixam a vida no campo de batalha, defendo os interesses dos senhores feudais.

A caridade deles é semelhante ao fogo fatuo: perdura enquanto forem preciso vitimas para sacrificar em holocausto ao deus capital.

Depois que estiverem saciados de tanto sangue, não se ocuparão mais daqueles que, chorando a perda dos entes queridos, continuarão, qual naufragos, debatendo-se contra as ondas fragorosas da vida, enquanto existirem as duas classes sociais.

***

E pensar que se houvesse entre nós a união e a solidariedade que existe entre eles, não teriamos hoje que lamentar a perda de tantas vidas preciosas — a mocidade ceifada!

Constituindo a grande maioria, nós seriamos a força capaz de fazelos curvar na nossa frente, e bradarmos: não queremos sangue e se sangue houver, seja para reivindicar os nossos direitos e impor-vos este dilema: aquele que não produz não tem direito á vida.

Povo sofredor, companheiros e companheiras! Que o sangue das vitimas tombadas faça brotar em nossos corações maior sentimento de união e solidariedade, afim de fazermos cessar tão horrivel carnificina, cujo epilogo longe de ser uma conquista para os nossos algozes, sirva, senão para a completa realização, ao menos para um avanço dos nossos ideais!

S. Paulo, janeiro de 1916.

Isabel Cerruti.

JUDAS

Ao Cristo se achegou como um bandido torvo
E um beijo lhe depoz na fronte. Era o sinal...
A horda cega e feroz — alma negra de corvo —
Cercou-o... Entre ladrões, ao madeiro fatal,

Foi pregado, e expirou, tragando em largo sorvo,
De atroz suplicio o fél... Judas, como um chacal,
Nesse instante... tremeu e viu, como um estorvo,
Verde figueira, além, clamando o grande mal...

E, roido de remorso, ele, então, passo a passo,
Errou sem rumo até que, da figueira ao braço,
Enforcou-se, a gemer na noite da demencia...

...Verde figueira, é em vão que vós os esperais!
Os Judas de hoje — ouvi! — torpissimos chacais,
Não têm, como o outro, um resto de consciencia!

Coritiba. **Florindo Pimentel.**

EM PORTUGAL

A questão religiosa

Fala um chefe politico

As religiões oscilam

Eu bem sei, cidadão, que as religiões reveladas caminham para o aniquilamento. Todas teem procurado matar a sciencia, mas, por fim, serão elas que, transformando-se, hão de ser as victimas definitivas. Mas, enquanto existirem, temos de contar com elas, como depois contaremos com as que lhe sucederem... O protestantismo vai-se exaurindo. Tem vivido já muito tempo pelo impulso formidavel que lhe deu Luthero, esse estranho homem, que no dizer de Michelet, prestou o grande serviço humano de dizer ao crente: "Aí tens a biblia, mas é preciso que a saibas ler e no dia em que a souberes ler, dispensarás o intermediario para chegares até Deus, porás de parte o imteprete da tua crença: tu serás na tua casa o senhor da tua alma e da dos teus, mantendo invulneravel e discreto o templo do teu lar". Mas por isso que a interpretação da biblia foi posta ao alcance de todos, a sua analise foi instante e rigorosa.

O dogma tem sofrido investidas crueis, e, como sem dogna não ha religião revelada, o protestantismo caminha, pela transformação, para o seu aniquilamento, ficando uma fórmula de casuistica escolastica ou então, como mais especialmente na Inglaterra, uma mera associação de soccorros mutuos. Será ainda uma questão de seculos mas se-lo-ha infalivelmente. Sim, de seulos porque aquilo que creou habitos ancestrais não se apaga com facilidade.

O catolicismo não está menos abalado, e, apesar das variadas infiltrações de rejuvenescimento que lhe teem sido feitas, o seu fim, embora a longo praso, é inevitavel.

Foi-se-lhe embora a concepção do céu no dia em que Galileu afirmou que a terra que se movia no seu giro ininterrupto e eterno. Igualmente se lhe esfarrapou a concepção da vida terrena no dia em que Lamarck e Darwin desmonstraram que o homem não era mais do que o termo final de uma larga evolução, acidentada e custosa, que, da monera até nós, tem vindo, atravez de idades sem conta, galgando os degraus da sua pogressão.

Em breve chegará o dia em que a Igreja, embora mudando-lhe os termos, se apropriará da fórmula de Carlos Vogt: "Mais vale descender de macaco aperfeiçoado do que de um Adão degenerado."

Mas, não nos iludamos, esse catolicismo, que serviços reais prestou atravez da historia, ainda projecta, no espaço, a sua sombra gigantesca. E' uma arvore, quasi seca, mas de grande e imponente silhouette. No seu tronco ôco e carcomido, procuram asilo, infelizes e desgraçados. Nos seus ramos exaustos, ainda fazem ninhos aves que gorgeiam os hinos da vida e do amor. Uma multidão de crentes, sobretudo de mulheres e de homens rusticos ou sentimentais, pedem a protecção das suas ramagens secas, que, mesmo a desfazer-se, dão ainda um pouco de sombra.

O homem de estado, que mereça essa designação, não póde pois deitar o machado ás raizes da arvore embora murchas. Elas já não teem seiva, mas estão duras, como que petrificadas. O gume do machado embortar-se-ia e a arvore ficaria de pé. E' mistér confiar do tempo o seu aniquilamenio completo, e, no entretanto, procurar conciliar para a vida social harmonica, os crentes que se agasalham na sua sombra espectral. Quer dizer, sendo impossivel destruir o catolicismo, urge dispôr as coisas para viver com ele e ir empregando todos os esforços para criar a força social que lhe ha de suceder. E' o que teem feito os povo inteligentes. Em Portugal não se procedeu assim. Se tivesse havido uma nitida visão dos acontecimentos, teria sido facil enfraquecer o poder dos bispos romanistas e protectores do jesuitismo, captando os padres que são, no seu geral, genuinamente portuguezes e patriotas o que bem recebiam o gesto protector da Republica que os libertasse da perseguição jesuitica.

Eis o que sobre o caso entendo, cidadãos.

E' claro que não gasto tempo a falar-lhes do jesuitismo. Esse é uma farsificação de crenças e como tal merece castigo e repulsão. O homem que cavilosamente falsificar a fé das pessoas simples, merece castigo, como aquele que conscientemente adultera os generos de primeira necessidade. Tanto deve ir para a cadeia aquele que dolosamente altera o pão como o que malevolamente explora a crença. Os jesuitas foram postos fóra de Portugal e muito bem e sobre eles toda a vigilancia será pouca.

São estas as minhas ideias de sempre. De sempre, antes da Republica e depois da Republica.

Podia ler aqui extractos de discursos meus feitos depois de muitos anos e de artigos escritos desde os extremos da minha vida politica. Pensei sempre assim. E é por isso que assim pensei sempre, e que sou um livre pensador, que me assiste essa invencivel força moral com a qual tudo tenho afrontado,—insultos e calunias,—na defesa coerente das minhas ideias.

A QUESTÃO DO MOMENTO

Agitação contra mais um assalto do fisco

A União Geral dos Trabalhadores intervem no movimento e promove comicios — O sucesso da primeira reunião e do primeiro comicio — Amanhã haverá um outro

A União Geral dos Trabalhadores entendeu acertadamente que não podia manter-se indiferente ante a grave questão que está interessando a opinião publica.

Resolveu, pois, convocar os seus associados e os trabalhadores em geral para uma reunião que realizou no salão Almeida Garrett, no dia 30 do mez passado, e que foi muito concorrida.

Nessa animada assembleia proletaria falaram varios companheiros profligrando a acção governamental na questão do novo imposto e no caso de Ribeirão Pires.

Foi, por fim, aprovada uma moção concretizando as ideias expostas e resolvida a realização do comicio que teve logar no domingo passado, no largo da Concordia.

Esse meeting obreiro, apesar do mau tempo e do aparato policial, que transformou o belo largo numa praça de guerra, foi coroado de grande exito.

A concorrencia, que foi bastante numerosa, mostrou-se cheia de animação, aplaudindo com calor os oradores quando eles estigmatizavam com energia a obra nefasta dos oligarcas paulista e da burguesia em geral.

O comicio foi aberto pelo companheiro Aquilino, da União Geral dos Trabalhadores, falando a seguir José Romero, A. Nalepinski, T. Monicelli, do *Avanti!*, Maffei, Edegar Leuenrote, da *A Lanterna*, fechando-o Romero, em nome da U. G. dos T., convidando os trabalhadores a tomarem parte nos outros comicios que vão ser realizados.

Amanhã, ás 17 horas, realizar-se-á um outro comicio no largo da Sé, devendo falar varios companheiros.

ECOS GAÚCHOS

Daqui desta catolica cidade de Santa Maria, enviu esta minuscula croniqueta para a *A Lanterna*, esperando qua a sua leitura seja proveitosa.

Continuarei a enviar para aí algumas outras impressões e correspondencias. Acreditem os camaradas que aqui, neste Estado, não ha um jornal livre a que se possa mandar publicações de um homem emancipado.

Em Porto Alegre, capital deste «modelo Estado», havia a *A Aurora*, orgão da «Federação Operaria», que cessou a sua publicação. E só. Neste pedaço sul do Brasil a propaganda operaria é fraquissima, exigua, quasi apagada. Em Santa Maria, a clericalhada domina escandalosamente, e não só ao colono, ás mocinhas ingenuas e ás velhas endurecidas na beatice, mas á toga do magistrado e ao poder municipal. Enfim, o padre aqui é voz activa, tem mando... sobre a ignorancia, já se vê, ou antes, sobre o burguez, na sua acepção distinta e caracteristica. Ha aqui uma revista anti-clerical, *A Reacção*. Mas o clero aqui está enraizado, e se isto progredir, a propriedade pouco a pouco passará para a igreja — filial do Vaticano.

Pois bem. E', por isso, necessario fazer alguma propaganda aqui no sentido de que seja divulgada *A Lanterna*.

Quanto á propaganda operaria, isto só se canseguirá com o auxilio de alguns emancipados que aqui tentem, afinal, fundar uma associação sindicalista ou semelhante. Cntro de resistencia operaria, pelo menos, é o que é preciso. E eu disse — afinal — porque já se tem tentado varias vezes. Já se trabalhou para isso. Os operarios daqui, porêm, estão muito aburguezados e relaxam toda ideia de união.

Depois, em tempo que não vai longe, eles tinham uma associação das classes laboriosas, mas não se davam conta do que faziam, nem compreendiam a sua missão. Festejavam o 1.º de Maio com festas, musica e foguetes.

Dando-nos conta dessa consciencia, emancipando-nos, rompendo de vez com os preconceitos trabalharemos com afinco afim de, familiarizando-nos com o seu movimento, que tambem é nosso, procurar encaminha-los pela vereda da ver-dade.

— **Chico Rebelde.**

AO REDOR DA GUERRA

OS QUE PROTESTAM CONTRA O GRANDE CRIME

A Associazione Nazionale Giordano Bruno

Esta associação, com séde central em Roma, na Via de Porta Angelica, 25, enviou-nos o protesto seguinte:

«Aos livres pensadores!

E' um crime esta guerra europeia, um crime abominavel por causa da imensa catastrofe que se despenhou sobre a Europa.

Ha mais de tresentos milhões de pessoas que dela sofrem os terriveis efeitos, quasi a Europa inteira, a Africa, a Asia, a Oceania mesmo tambem dela participam; enquanto que a responsabilidade promana dos dois imperadores dos dois imperios do centro e dos seus exercitos que quizeram desafiar o mundo com o fim de comandar e submeter outros estados e outros povos: imperialismo anacronico no XX seculo pois, nacionalidades para sempre constituidas e leis internacionais tinham encerrado a éra das conquistas e da vassalagem.

Havia bem meio seculo que a Alemanha se preparava para a abominavel empreza. Ela está coesa, firme e resolvida a estender a sua dominação na Europa, nas colonias e sobre as ruinas dos outros povos. Ela está persuadida, conquistando o mundo, de cumprir a vontade divina, de desempenhar a missão de um povo eleito e está convencida que nada póde resistir á sua força organizada. E tal como as hordas de Gengiscam, ela se lança sobre os povos, ela inunda as nações levando por toda parte o ferro, o fogo, o terror, a morte, a destruição de tudo o que se opõe á sua marcha devastadora, invocando o nome de Deus. Ela quer vencer e submeter. Ela revive as invasões barbaras que estavam agora esquecidas, ela as torna mais ferozes ainda graças ao auxilio da sciencia ao serviço da barbaria.

Ela destroi a Belgica, o jardim da Europa; não respeita nem as vidas humanas nem as cidades abertas e industriais, nem os monumentos historicos, as grandes recordações nacionais. Ela quer mesmo destruir a historia dos belgas e dos francezes guardada nos monumentos seculares unicamente impelida pela inveja e pela brutalidade selvagem; é assim que Louvain, Malines e Reims são devastadas e estas ruinas deshonrarão para sempre um exercito e uma nação que se vangloriam de ser civilizados.

A associação "Giordano Bruno" que traz o estandarte do livre pensamento protesta em presença de todo o mundo civilizado contra esta vergonha da humanidade e invoca a adesão de solidariedade de todos aqueles que sentem que a Alemanha não tem mais o direito de se colocar no XX seculo, na Europa, entre as nações civilizadas."

Já o dissemos: o nosso protesto atinge a todos os potentados dos paizes beligerantes—porque a todos eles cabe a responsabilidade do flagelo horrivel que está infelicitando a humanidade.

Insistimos em protestar a nossa solidariedade ao povo de todas as nações conflagradas, pois que não o consideramos culpado da guerra, da qual ele sofre todas as consequencias.

Nós juntamos num só bando de bandidos todos os dirigentes, contra quem deve ser declarada a nossa guerra.

***

O Grupo de Propaganda Anarquista, de Niteroi

Numa das suas sessões, o Grupo de Propaganda Anarquista, de Niteroi, aprovou a moção seguinte:

"Considerando:

que a guerra actual, como todas as guerras modernas, tem como causas essenciais o antagonismo de interesses comerciais existentes entre as nações ora em luta, o patriotismo politico e convencional de fronteiras que de facto não existem e o sistema militarista da *paz armada*;

que a organização da sociedade baseada, como ha sido até hoje no principio de autoridade, tendo como fórma constitucional o Estado, necessariamente conterá e produzirá, de si mesma, os factores capitais acima apontados como determinantes essenciais da guerra;

que as guerras, todas as de nação para nação, resultam sempre em beneficio das classes capitalistas e governamentais e sempre em prejuizo das classes trabalhadoras, do povo em geral, quer numa, quer noutra parte dos beligerantes; e

que todas estas razões, que a critica anarquista já fizera resaltar antes guerra actual, continuam com a mesma força indestructivel de verdade provadissima;

resolvem externar em publico a sua absoluta incompatibilidade com os guerreiros de qualquer dos bandos em peleja, e enviam a sua fraternal saudação de solidariedade aos camaradas de todo o mundo que se não deixaram cegar, na hora tragica deste desabar de crimes, pelo furioso odio patriotico e pretensamente defensor da civilização.

Viva a anarquia!"

Qual será o desfecho da guerra actual?

Não sei que pensar dos meus *civilizados* contemporaneos.

Por fim, mostraram-se tal qual são: exteriormente, uma ligeira capa de civilização, de humanidade, mas no fundo perdura sempre o barbaro, o homem féra. Quantos sacrificios hão devido suportar até hoje para poderem domar a hiena que rugia em seu interior, para poderem conservar-se de acordo com o estado que tinham adotado!

Porêm, dia viria em que os instintos sanguinarios dominariam todos os outros sentimentos; isso era inevitavel.

E a tempestade prevista, que fazia tremer todos os corações, desencadeou-se, por fim.

Qual será o desenlace deste tragico drama que agora horroriza o mundo? Quem sabe!

Uma doce esperança, porêm, me embala.

E' possivel que depois desta chacina monstruosa, que põe em relevo as chagas desta sociedade iniqua, que nos mostra todas as miserias e quais as suas causas, é possivel que isso baste para convencer o povo que até hoje tem sido um pobre instrumento e que já é tempo de reagir. Certamente que sim.

Se a guerra europeia continuar assim por muito tempo, se predominar nas classes governantes o desejo de aniquilar completamente o seu adversario, forçosamente o povo, a eterna besta de carga, ver-se-á obrigado a rebelar-se, pois que a fome, a peste, o relaxamento moral, todo esse negro cortejo de horripilantes sombras de que a guerra se faz acompanhar, o levará a esse extremo.

E essa revolta por que senda tomará? A Historia nos demostra claramente esta triste verdade: o povo foi sempre aquilo que quizeram os seus caciques.

Incapaz de guiar-se por si só como uma potencia, acostumado como está a ter sempre guias, marchará como tem marchado sempre pelo caminho onde houver alguma força que o atraia, pelo caminho que lhe indicarem.

Nós abominamos, é certo, a caudilhagem, a autoridade, e, portanto, não queremos nunca ser chefes, pois que isso está em contradição com as nossas doutrinas.

Mas devemos ser razoaveis.

Desde que o momento exija o sacrificio de parte dos nossos principios, sacrificio este que virá logo mais a reverter em beneficio da Ideia, porque lhe assegurará a vitoria, creio que não deve haver inconveniente em faze-lo.

Nós sabemos que o povo de por si não irá a nenhuma parte.

Quando começa a manifestar o seu descontentamento, os primeiros sintomas da rebelião, imediatamente surgem de todos os partidos politicos ou religiosos individuos dispostos a atrair, a todo custo, a onda para o seu lado, a aproveitar a ocasião para fazer triunfarem as suas doutrinas ou ideias.

E se por acaso acontece o que eu presumo e desejo, — caso continue a guerra, — o esforço desses abutres redobrará, pois bem compreendem que este é o momento supremo, o momento que decidirá de uma vez para sempre dos destinos da Humanidade.

Devemos nós consentir que eles atraiam as simpatias populares, que se façam donos do momento, quando nós, com um pouco de boa vontade, podemos fazer com que o movimento reverta em beneficio nosso?

Impossivel! Sabemos muito bem qual seria o preço de tamanha covardia.

Todos os sacrificios, todas as vitimas que deram tudo quanto possuiam em holocausto á sublime Ideia, tudo ficaria sepultado nas cinzas do esquecimento!

A bandeira rubra, o simbolo da Rebelião, que agora tão galharda se ostenta, seria esfarrapada pelas mãos sangrentas do vulgo ignorante, e os seus pedaços atirados para o lodo de onde os tirariam aqueles que a amaram sinceramente e com todo o amor os guardariam para que um dia, quando o delirio cedesse o lugar á razão, unidos, empunharem novamente o nobre pendão que, ao tremular de novo, formando sob a suave caricia da brisa pregas graciosas, saudaria as gerações futuras e clamaria vingança!

Horror! Porque caminho tão lugubre, tão tetrico eu me deixei levar, guiada pela imaginação!...

Será possivel que depois de tantos sacrificios, de tantas lutas, depois de forjar na nossa mente os sonhos mais doces e mesmo alguns fantasticos, vejamos tudo ruir por terra, sem que nos reste mais do que uma debil esperança, como a que resta ao desgraçado condenado á morte que ainda espera perdão do seu algoz?

Não o creio. Isso seria o ultimo grau de baixesa e da covardia a que poderiamos descer.

Enquanto houver uma gota de sangue nas nossas veias, um pouco de ar nos nossos pulmões, lutaremos pela Ideia.

Toda a nossa energia, todos os nossos pensamentos são para ela, pois que a ela nos consagramos desde o momento em que tivemos a dita de conhece-la.

E se estamos dispostos a qualquer sacrificio, a toda hora, para a propagação do nosso Ideal, não estaremos no momento que mais necessario se fazem esses sacrificios, dos quais depende não só a sua divulgação como tambem a sua realização?

Logo que se faça notar na massa popular os sintomas precursores da revolta, procuremos fazer nosso o movimento, procuremos afastar os chamados protetores do povo para longe, para onde a sua influencia perniciosa não possa produzir efeito.

Façamos tudo que as circunstancias exigirem! Só assim estaremos á altura da situação e da nossa missão.

Demos o impulso preciso para que o povo siga o caminho por nós trilhado, o caminho que nos levará ás regiões do Amor, da Paz e da Justiça!

Maria A. Soares.

Ao entrar para a aula de catecismo, um dos pequenos alunos quebrara, com uma pedrada, uma vidraça da sacristia. Assustado, o pequeno só pensava no seu «crime», com os olhos fixos no vidro partido, vendo-se já descoberto. Ora foi precisamente a ele que o vigario interpelou primeiro:

— Quem criou o mundo?

— Fui eu, sr. vigario, fui eu, mas não faço mais...

E desatou a chorar.

BILHETES E RECADOS

S. Paulo — R. Figueiredo: Recebemos o artigo, que sairá no proximo numero.

Bello Horizonte — A. S. Alves: Recebemos o vale. Seguirão a o recibo com o premio. Mande a colaboração:

Coritiba — Antonio Moral: Voltamos a insistir no pedido. Precisamos agora que nos atendas com toda a urgencia.

Itajubá — E. Siecola: Seguem os folhetos pedidos.

Araçariguama — A. B. da R: Não faltará ocasião de farzermos sentirao *bruto* a nossa existencia. Enviaremos uns pouco, numeros que aqui temos.

Ribeirão Preto — J. Lachant: Lamentamos não o poder ver livre e a trabalhar pela nossa causa.

Rio — Macedo: Então, que diabo disto é aquilo? Deves saber que os tempos não permitem mais retiradas á moscovita.

— Gildo: O prazo é um pouquinho puxado, não achas?... Oxalá a tal *praga* tenha pouca duração...

Baurú — J. Jubert: Recebemos. Publica-lo-emos no numero proximo.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Café Criterium, largo do Rocio, 32

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105. engraxate.

Azeite para "A Lanterna"

Subscrição voluntaria permanente

Embora tenha a *A Lanterna* a sua base de existencia na renda das assinaturas, necessita ela, para que o «azeite» não lhe falte, da ajuda da subscrição voluntaria, que doravante manteremos permanentemente aberta em nossas colunas.

De preferencia, os partidarios do jornal devem se esforçar para lhe conseguir assinantes, entretanto, quando não o possam fazer, não lhes será dificil correr uma lista ou fazer uma colecta entre os seus amigos e simpatizantes da nossa obra.

E todo aquele que possa contribuir com alguma quantia, por pequena que ela seja, não se faça esperar: envie-no-la imediatamente pelo correio, em vale postal ou em carta registrada com valor declarado.

Se ha pessoas cujas condições apenas lhes permitem pagar a importancia da assinatura, outras existem, porém, a quem não ficaria pesado, de quando em vez, contribuir para ser reforçada a caixa do combustivel da folha...

Assim poderemos mais depressa desembaraça-la dos compromissos que a sobrecarregam e ir melhorando a sua feitura de formas a ela poder corresponder devidamente ás necessidades da propaganda.

***

Soma do n. anterior ...	192$600
Lista n. 59, a cargo de Candido Reis, de Santos: C Reis, 2$; Leonidas Cortez, 1$; H. Cortez, 1$; Eustaquio Messias, 1$; J. Mendes, 1$; Antonio dos Santos, 1$; L. dos Santos, 1$; Viriato Figueira, 2$; J Figueira, 2$, Laercio Impastari, 1$; Felix S. Rosa, 1$; R. J. Becker, 1$	15$000
Lista n. 87, a cargo do sr. Pedro Severiano Martins, de S. João D'El-Rei: P. S. Martins, 5$; Luiz Zivram, 1$; O. Sickes, 3$; Adolfo Abampato, 2$; José Adriano, 1$	12$000
Lista n. 101, a cargo do sr. Candido Francisco Duarte, de Angelina: C. F. Duarte, 5$; G. Dias, $500; Lucas J. Dias, $500; Antenor V. da Silva, 1$; Manuel H. D. Silva, $500; M. C. Duarte, $500	8$000
Subscrição entre varios amigos da folha, de Santos: Abilio Afonso, 2$; João Abreu de Souza, 2$; Ernesto Nunes, 1$; Pedro Dias, 2$; Gregorio Lombardo, 1$; Vicente, 1$; Manuel Ferreira, 1$	10$000
D.ª Teresina Rochi, Poços de Caldas.	5$000
Soma total ...	232$600

O missionario ao canibal:

— Piedade! piedade! Como podes tu comer um teu semelhante?

— E tu não nos disseste que comes todos os dias o teu Deus, semelhante a ti? Eu apenas quero comer o ministro dele!

"NA BARRICADA"

Esta esplendida publicação de propaganda, fundada em forma de panfleto pelo camarada Orlando Corrêa Lopes e depois transformada em jornal semanario de grande formato, acha-se agora confiada a um grupo de decididos combatentes, que a está fazendo aparecer, como orgão anarquista, quinzenalmente.

Conta com excelente colaboração. Custa 5$000 a sua assinatura anual. Caixa postal 1936, Rio de Janeiro, é o seu endereço.

Um culto catolico... malicioso

Folheando alguem ao acaso um velho e grosso alfarrabio, do seculo XVIII, dum qualquer douto eclesiastico, no qual, sob o titulo de *Mapa de Portugal*, se enumeram e descrevem com pequeninas minucias curiosas os mosteiros, as igrejas, as portas e postigos da Lisboa do tempo, e se catalogam os prelados do patriarcado, virtudes e prendas que em cada um deles respectivamente concorriam, encontrou mencionado um convento que existiu nos Olivais, sob a invocação de S. Cornelio, — de que, naturalmente, nenhum de nós guarda recordação ou vestigio.

Sucede que esse S. Cornelio foi, nesses tempos, objecto dum culto especial e que, segundo o cronista, conjurava certo perigo ridiculo, com tanta eficacia e fama como Santa Barbara, nas trovoadas, Santa Clara, na mudez, Santa Luiza, na cegueira, e até Santa Rita, nas coisas impossiveis!... E é assim, cautelosamente, quasi com inocencia, que o douto eclesiastico alude a essa devoção que vicejou em Lisboa no seculo XVIII, com ostentação de ofertas ricas: «Não sabemos o fundamento que houve para os devotos, que concorrem a esta igreja, oferecerem ao Santo certos cornichos, ou de cêra, ou de prata; acção, que como já se disse em outra parte, (*Feijó no Teatro Critico, tom. 7, difc. 8 n. 25,*) involve um culto irrisorio, que a prudencia politica muitas vezes costuma tolerar ao povo material e rude».

Que calamidades conjugais para que esses maridos fidalgos do seculo XVIII, de cabeleira empoada e casaca de seda, tivessem o seu orago e se organizassem em tão estravagante confraria!...

Aos nossos assinantes do Rio onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á Praça Tiradentes 71, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Livraria Moderna, Avenida Rangel Pestana, 169.

Salão de engraxate da Travessa da Sé n. 10-C.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda se estende animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos.

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Em Porto Alegre — Sr. Martiniano Gregorio dos Santos, rua General Camara, 56-A.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

«A LANTERNA» EM SANTOS

está á venda na agencia de jornais do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio, 86.

✤ ✤ Queremos que o nosso jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da verdade e como um éco ás largas aspirações do nosso tempo.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso..................	200

Folhetim da LANTERNA (59)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna

SEGUNDA PARTE

Padilha

CAPITULO III

Onde se vê reaparecer Santafierno

— Jesus! murmurou ela.

Linda não conhecia Santafierno: só a impressionara a persistencia com que ele fixava a sua ama e, numa intuição espontanea, avisara Maria com o gesto.

Santafierno não perdia decerto pormenor algum, pois desapareceu logo. Este desaparecimento foi tão subito que Maria a si mesma perguntou um instante se sonhara ou se a fórma entrevista não era a dum demonio surgido do inferno para a amedrontrar. Mas não! o olhar de Linda dizia-lhe que ela não fôra objecto duma alucinação: a jovem segoviana vira tambem o homem. E por outro lado, o diabo não escolhe as igrejas para se mostrar! Seria Deus que, em sua bondade, mandava um aviso á jovem esposa?

Maria benzeu-se invocando mentalmente a ajuda do céu. Depois, sem tardar, atravessou a nave a passo rapido, para alcançar, sendo possivel, o homem misterioso. Readquirira a coragem toda, todo o seu sangue frio, pronta a lutar contra qualquer inimigo. A esposa de Padilha não se mostraria menos valente que a filha do marquez de Mondejar!

— Linda, murmurou ela rapidamente á sua aia, é preciso descobrir a pista deste homem...

Apontava-lhe a nave lateral da direita.

A fiel segoviana compreendeu e precipitou-se para aquele lado, ao passo que Maria se dirigia com a mesma pressa para a entrada principal. Mas, além desta, tinha a catedral duas portas laterais, e era pela da esquerda que, sem perda de um instante, Santafierno se retirara. Afastando-se no labirinto das vielas estreitas e tortuosas, ia elle pensando:

— Cuidado! Em Toledo, estou em casa de Padilha... em casa do inimigo!... Ainda assim esta mulher comete uma grande imprudencia saindo assim, quasi só!... Sem aquela maldita aia, que notou a minha presença, avisando-a, tinha eu talvez a minha desforra!

Santafierno a nenhum dos seus projectos renunciara: o fogo da luxuria e o da vingança continuava a abrasar aquela alma infernal.

Depois do casamento de Padilha, voltara ele varias vezes a Toledo, espiando com uma flexibilidade tenaz de selvagem tanto o cavaleiro como a sua jovem esposa.

Nenhuma suspeita pairara sobre ele. Crotella, que trabalhara por conta de Santafierno, mas sem o conhecer fôra com quasi toda a sua quadrilha operar na região aragonesa. Só dois retardatarios tinham caido em poder da Santa Hermandad e haviam naturalmente pagado pelos outros. Todavia, em vão lhes haviam cortado as mãos e os pés antes de os enforcar: tinham gritado, mas não falado, pois não podiam dizer o que ignoravam. Só frei Paco poderia fazer edificantes revelações; mas esse fazia nesse momento penitencia no mosteiro franciscano de Almonacid.

Por outro lado, Santafierno adquirira suficiente porte e imperio sobre si para que Olivar, sem o crer profundamente transformado, abrandasse a sua rigorosa vigilancia. O dominicano só curtas visitas fazia agora ao castelo. Demais, a protecção da Igreja não abandonava o filho de Torquemada: em duas ou tres missões que demandavam mais vigor que escrupulos, tinham utilizado os serviços dele, remunerando-os honrosamente.

A sua ambição teria sido aproximar-se da côrte, dispensadora dos empregos e favores. Olivar tinha-lhe deixado entrever um lugar de confiança junto do alcaide Ronquillo, o inexoravel executor das ordens régias. Algumas personagens influentes, o marquez, de Villena entre outras, interessar-se-iam por ele logo que o geral dos dominicanos manifestasse tal desejo.

— O marquez de Villena!... Se ele soubesse! pensava Santafierno.

Não ignorava que esse fidalgo era tio de Maria Pacheco.

Agora, com a intuição do odio, Santafierno pressentia que se aproximava o tempo em que poderia duma vez satisfazer a sua vingança e elevar-se. Via lavrar a revolta em Castela, senão contra o proprio rei, pelo menos contra os seus ministros, e recolhia boatos confusos que lhe mostravam Padilha como um dos inspiradores desta revolta. Que felicidade se ele pudesse esmagar o seu inimigo servindo o rei, isto é, enriquecendo-se!

Enquanto Santafierno, arquitentando sonhos de triunfo, se dirigia para a *Cruz de Oiro* onde estava alojado, Maria Pacheco, alcançada por Linda diante da entrada da catedral, verificava que o inimigo misterioso lhes tinha escapado sem deixar sinais. Que fazer! Ir a pressa prevanir Padilha?

De repente a jovem pensou na Gizarra. Sentia pela gitana uma simpatia afectuosa bem justificada, porque sem o sonho premonitorio da velha, Padilha nunca teria chegado em seu auxilio justamente a tempo para arranca-la aos braços dum bandido.

Além disso, com esse sentimento natural mesclava-se outro igualmente de curiosidadade, não vulgar num espirito como o de Maria. Como podia Gizarra entrever o futuro?

A cigana nunca dissera á jovem que, no dia do seu casamento, se tinha conservado um homem a poucos passos della, camendo-a com um olhar satanico! Para que assustar Maria com suposições terrificantes, ir pertuba-la no meio da sua ventura. Mas Gizarra a si mesma tinha prometido velar, fazendo no seu espirito uma natural associação de ideias entre o agressor desconhecido da estrada de Arganda e o homem da catedral em que ela revia Santafierno.

— Vamos! murmurou Maria.

E tomou a direcção do bairro de S. João.

— Senhora, disse a segoviana espantada; não é este o nosso caminho.

— Bem sei... Repara apenas se somos espiadas.

Seguido por outra que não fosse Maria Pacheco, este itinerario inesperado teria parecido estranho. Era a epoca em que muitas damas, ajudadas pela dama de companhia, procuravam em entrevistas clandestinas uma compensação aos rigores da escravidão domestica. Mas a mulher de Padilha era livre e fiel.

Não lhe era desconhecida a casita que servia para as reuniões intimas dos comuneiros. Discreta, Maria nunca tentara assistir a tais reuniões: ela conhecia, porêm, a sua existencia e o seu fim, aprovando-os plenamente.

Ao aproximar-se da habitação, lançou de novo um olhar em volta de si. O unico ser vivo que vagueava pela rua era um cão, que fugiu ao acercarem-se as duas mulheres.

— Linda, disse Maria, espera-me aqui.

Mostrou-lhe um monte de pedras e paus amontoados desde tempos imemoriais a poucos passos da casa.

— Se acaso vires o homen de ha pouco, previne-me dando duas pancadas na porta.

A camareira fez um gesto de obediencia e sentou-se numa pedra, investigando as cercanias com um olhar vigilante.

Sempre que um comuneiro ia a uma das reuniões secretas celebradas na casita batia á porta de um modo convencionado. Os que se achavam dentro sabiam assim que se tratava de um dos seus. Maria não bateu nem como filiada nem como vizitante ordinario: com o martelinho de bronze, bateu na porta pancadas sucessivas precipitadas. Entreabriu-se o postigo, aplicando-se a ele uns olhos negros.

— Abre-me, Gizorra! disse precipitadamente a jovem.

— Sois vós, senhora! Sozinha?

Mal Maria respondeu á esclamação e á pergunta: "Linda espera-me fora", abriu-se a porta dando-lhe passagem e cerrando-se logo atraz dela.

Sem duvida a jovem, apesar da sua força de vontade, trazia ainda na face sinais da sua agitação, porque Gizarra exclamou logo que olhou para ela: *(Continúa).*